

João Bicho

T FILOMENA ABREU | JOSÉ MIGUEL PIRES; 2 VALVERDE HOTEL; 3 LUÍS FERRAZ

“Temos de começar a depender cada vez menos da água”

“We have to start relying less and less on water”



Um alentejano, que vive em Vila Real, mas que tem muitos quilómetros de estrada. Tudo por causa dos jardins e hortas que faz nascer, que converte em riqueza. Arquiteto paisagista de corpo e alma, João Bicho tem ideias muito claras sobre os desafios que é preciso enfrentar hoje, para fazer face às mudanças climáticas de amanhã. Adepto da permacultura, da compostagem, da mudança de hábitos humanos, tem mudado, aos poucos, a mentalidade das pessoas para quem trabalha. E é desta forma que tem contribuído para um mundo melhor.

An Alentejo native who lives in Vila Real, but who has logged many kilometres on the road. All because of the gardens and vegetable gardens he creates, which he turns into abundance. A landscape architect in body and soul, João Bicho has very clear ideas about the challenges that we need to face today in order to cope with the changes in the climate of tomorrow. He is a fan of permaculture, composting and changing human habits, and has gradually changed the mentality of the people he works for. And this is how he has contributed to a better world.

1. Como é que entra neste mundo?

Sou alentejano e há um gosto pelo exterior, pelo campo, que vem desde jovem. Inicialmente, entrei na universidade, em Vila Real, em engenharia agrícola e, quase de imediato, até pela envolvente do próprio *campus*, comecei a ter algum gosto por jardins e por espaços

1. How do you get into this world?

I'm from the Alentejo and there's a love for the outdoors, for the countryside, that begins at a young age. Initially, I went to university in Vila Real to study agricultural engineering and, almost immediately, not least because of the surroundings of the campus itself, I began to take a liking to gardens and

verdes. Algures em 1999, tenho um acidente de moto, fico muito tempo parado e leio o livro *Fundamentos da Arquitetura Paisagista*, de Francisco Caldeira Cabral, que é o fundador da Arquitetura Paisagista em Portugal. E percebo: “É mesmo isto que eu quero fazer na vida”. E pronto, estava no segundo ano e mudei de curso, da engenharia agrícola para arquitetura paisagista. A partir daí, fui cultivando o gosto por esta área. Se já gostava, à medida que fui me entranhado nela, fui gostando cada vez mais.

2. E já não saiu de Vila Real?

Agora vou muito menos vezes ao Alentejo, já cá estou há 26 anos. Não sei se é para a vida toda, porque divido muito do meu tempo também entre Lisboa e Porto. Ando sempre na estrada. E continuo a fazer muitas coisas no Alentejo, felizmente.

3. Em todos estes anos, já fez muitos projetos. Há algum pelo qual tenha especial carinho?

Essa é uma pergunta muito difícil, é como perguntar se gosto mais de um filho ou de outro (*risos*). Um dos que me continua a dar muito prazer é a Quinta de Ventozelo, até porque continuo a dar apoio à manutenção da quinta. Eu fiz o projeto inicial, que começou em 2018; depois, fizemos a parte da construção e, agora, continuo a acompanhar a manutenção da quinta e das hortas, que é uma área que me dá muito prazer. E é um projeto que está a evoluir especialmente bem. De momento, estamos a entrar na parte do desenho da quinta. Um desafio enorme – é uma quinta com 400 hectares e estamos lentamente a fazer um trabalho de desenho de paisagem, a entrar nas vinhas. É muito prazeroso. Além disso, temos um projeto mais pequeno, mas não

green spaces. Sometime in 1999, I had a motorbike accident, spent a long time being immobile and read the book *Fundamentos da Arquitetura Paisagista (Fundamentals of Landscape Architecture)*, by Francisco Caldeira Cabral, who is the father of Landscape Architecture in Portugal. And I realised: “This is exactly what I want to do in life.” So, I was in my second year and I changed my course, from agricultural engineering to landscape architecture. From then on, I developed a love for this field. While I already liked it, as I became more and more entrenched in it, I loved it more and more.

2. And you haven't left Vila Real yet?

I go to the Alentejo much less often now; I've been here for 26 years. I don't know if it's for life, because I also divide a lot of my time between Lisbon and Oporto. I'm always on the road. And I still do a lot of things in the Alentejo, fortunately.

3. You've done many projects over the years. Is there one that you are particularly fond of?

That's a very difficult question, it's like asking if I like one child more than another (*he laughs*). One that continues to give me great pleasure is the Quinta de Ventozelo, not least because I continue to help maintain the farm. I did the initial project, which started in 2018; then we did the construction part and now I continue to monitor the maintenance of the farm and the vegetable gardens, which is an area that gives me a lot of pleasure. And it is a project that is evolving particularly well. At the moment, we are entering the design part of the estate. A huge challenge – it's a 400-hectare farm and we're slowly working on the landscape design, getting into the vineyards. It's very enjoyable. In addition, we have a smaller project, but no less important, namely the Hotel Valverde, which started in 2014, and where, even now, I continue to monitor all the maintenance



menos importante, que é o Hotel Valverde, iniciado em 2014, e onde, ainda agora, continuo a acompanhar toda a parte de manutenção do jardim, o que me permite, ao longo destes anos, ter feito uma série de renovações. São quase nove anos de jardim, um jardim em Lisboa, na Avenida da Liberdade, com um carácter completamente diferente do projeto de que falei anteriormente.

4. O João também é especialista em permacultura, ou seja, acaba por fazer projetos bonitos e eficientes...

Especialista em permacultura, mas sobretudo em hortas. Entre as várias formas de trabalhar, gosto essencialmente de trabalhar as hortas e num modo biológico.

5. As pessoas procuram-no pelo trabalho que faz. Sente que estão mais a pensar a longo prazo, no ambiente, na diminuição do stresse das suas vidas? Nota que há também mais preocupação com os jardins, com o que nos rodeia?

Noto. E noto que as pessoas querem controlar mais o que comem. Querem ter uma horta para consumo o ano todo, o que é sempre um bocadinho difícil. E os cozinheiros gostam muito deste tipo de privilégio, o de conseguir ter à disposição – e quando digo cozinheiro pode ser uma família – estes produtos num estado que poucas vezes conseguimos ter. Depois, sabemos o que pomos na horta, sabemos os produtos que colocamos, o tratamento que lhes é dado. E tudo isto se reflete no sabor. Estando no sítio, conseguimos perceber o sabor das coisas, conseguimos ir ao jardim apanhar umas flores para colocar numa salada... Tudo isso faz com que as pessoas queiram, cada vez mais, ter as suas próprias hortas.

6. Quase como um vício...

Eu acho que sim. Costumo dizer que temos de entrar nas hortas devagarinho, porque, se entrarmos bem, não saímos. Não se pode estar à espera de ter grandes produções, não é isso que se pretende, mas aquilo que temos vai-nos vencer pelo sabor e pelo paladar.

7. O João anda no terreno, em vários terrenos. É conhecida esta ideia de que, devido às alterações climáticas, Portugal, ou algumas zonas do país, poderão ter o seu clima e os solos muito parecidos com o Norte de África, em pouco tempo. Conseguir ter uma perspetiva ou já pensou como serão os jardins e as hortas dos próximos dez anos?

Há vários caminhos e as questões das alterações climáticas vão colocar-nos vários desafios e vão obrigar-nos a repensar questões de base. Ou seja, nós temos – e pegando na questão do Alentejo, que pode ser extrapolado para o Douro ou para Trás-os-Montes, Algarve ou para a Beira Interior, que são as áreas que nós temos mais sensíveis, são zonas naturalmente mais quentes e secas –, aqui, um desafio que é uma questão cultural. Do ponto de vista da ocupação humana, desarboreámos e criámos grandes clareiras para ter atividades agrícolas, e isso introduziu muitas alterações na nossa paisagem. Tem coisas boas e tem coisas más, mas, acima de tudo, o que acontece é que começámos a ficar com solos muito mais desprotegidos, e uma das questões que se põe, neste momento, é termos de recuperar algumas áreas de vegetação natural, com aquilo que podemos chamar de mantos

of the garden, which has allowed me, over the years, to carry out a series of renovations. It's been almost nine years of garden, a garden in Lisbon, on the Avenida da Liberdade, with a completely different character than the project I mentioned earlier.

4. You also specialise in permaculture, which means you get to do beautiful and efficient projects...

I specialise in permaculture, but particularly in vegetable gardens. Among the various ways of working, I essentially like to work in vegetable gardens and in an organic way.

5. People come to you for the work you do. Do you feel that they are thinking more about the long term, about the environment, about reducing stress in their lives? Do you notice that there is also more of a concern for the gardens, for what surrounds us?

I do. And I notice that people want to control what they eat more. They want to have a vegetable garden for year-round consumption, which is always a little difficult. And cooks really like this kind of privilege, to be able to have these products available – and when I say cook it could be a family – in a state that we rarely get to have. Then you know what you're putting in the garden, you know the products you're putting in, the treatment they're given. And all this is reflected in the flavour. Being on site, we can understand the flavour of things, we can go to the garden to pick some flowers to put in a salad... All this makes people increasingly want to have their own gardens.

6. Almost like an addiction...

I think so. I often say that you have to enter vegetable gardens slowly, because if you enter well, you won't leave. You can't expect to have big yields, that's not what you want, but what you do have will win you over in terms of flavour and taste.

7. You have been out on the land, in various terrains. It is well known that, due to climate change, Portugal, or some areas of the country, may have a climate and soils very similar to North Africa before long. Do you have an idea or have you thought about what the gardens and vegetable gardens will be like in the next ten years?

There are several avenues and climate change issues will pose several challenges and will force us to rethink basic issues. In other words, we have – and taking the case of the Alentejo, which can be extended to the Douro or Trás-os-Montes, the Algarve or Beira Interior, which are the most sensitive regions, being naturally hotter and drier areas – a challenge that is a cultural issue. From the human occupation point of view, we have deforested and created large clearings to have agricultural operations, and this has introduced many changes in our landscape. There are good things and bad things, but what happens above all is that we began to have much more unprotected soils, and one of the issues that arises at the moment is that we have to recover

mais mediterrânicos. Tudo por uma questão de conservação de solo e de zonas naturais em que o solo esteja mais protegido e em que haja um bocadinho mais de reforço dos ciclos naturais, nomeadamente da parte da infiltração da água no solo. Vamos sempre viver com a questão da seca.

Já na parte de jardins, temos de começar a depender cada vez menos da água. Penso que o grande desafio que se coloca para o jardim é termos vegetação que dependa menos da água.

E temos de encontrar forma de proteger os solos, de não os expor. Se sabemos que é um recurso escasso, então, vamos usá-lo de forma inteligente. Podemos usar as águas cinzentas para a rega do jardim, porque as pessoas tomam banho todos os dias, e são litros e litros de águas que, se forem separados das águas negras, podem facilmente ser reutilizados no jardim e é escusado andar a usar o recurso de água potável.

A grande questão passa pelo uso racional de recursos e por ser cada vez mais inteligente e inventivo na forma de tirar partido das coisas que temos e desperdiçamos. Como a compostagem. Todos nós fazemos imenso lixo orgânico no dia a dia, quando cozinhamos, e devemos explorar isso. Podemos, por exemplo, usar esse lixo nas próprias hortas. No fundo, estamos a tirar da terra, a exportar os nutrientes para consumir, nas frutas e nas verduras, e depois acabamos por restituí-los, fechando o ciclo, voltando a pô-los no composto, não deitando tudo fora e reincorporando, ciclos novos, no jardim e na horta. Nem sempre é fácil, nem sempre temos escala para fazer isto, mas não é impossível.

some areas of natural vegetation, with what we can call more Mediterranean covering. All for the sake of soil conservation and of natural areas in which the soil is more protected and in which there is a little more strengthening of natural cycles, namely the infiltration of water into the soil. We will always live with the issue of drought.

As for gardens, we have to start relying less and less on water. I think the big challenge for the garden is to have vegetation that depends less on water.

And we have to find a way to protect the soil, not to expose it. If we know it's a scarce resource, then let's use it wisely. We can use the grey water for watering the garden, because people shower every day, and these are litres and litres of water that, if they are separated from the black water, can easily be reused in the garden and there is no need to use the resource of drinking water.

The big question is the rational use of resources and being increasingly intelligent and inventive in the way of taking advantage of the things we have and waste. Like composting. We all produce a lot of organic waste every day when we cook, and we should exploit that. We can, for example, use this waste in our own vegetable gardens. In principle, we are taking nutrients from the earth, exporting them to consume in fruit and vegetables, and then we return them, closing the cycle, putting them back in the compost, not throwing everything away and reincorporating new cycles in the garden and vegetable garden. It's not always easy, we don't always have the scale to do this, but it's not impossible.





Aurora Carapinha

T FILOMENA ABREU | PAULA CORTE-REAL

“Muitos decisores políticos não têm a mínima noção do que nós fazemos”
“Many political decision-makers have no clue what we do”

Foi por acaso da conjuntura do país que, em 1975, acabou por ser a aluna número seis do primeiro curso de arquitetura paisagista de Portugal. Não sabia ao que ia. Em todo o caso, correu bem. Aurora Carapinha, investigadora, arquiteta paisagista distinguida com o *Prémio Ribeiro Telles*, em 2021, gosta mesmo é de ser professora, de passar o conhecimento adquirido aos mais novos. De pensar com os alunos os problemas prementes que se colocam na área a que dedicou a sua vida. Uma luta pela qual se debate todos os dias. Nome incontornável, declina a importância que lhe atribuem. A voz, usa-a para continuar a tentar lembrar à sociedade e aos decisores políticos a urgência de medidas importantes para o país.

It was out of pure chance given the country's circumstances that she ended up being student number six in Portugal's first landscape architecture course in 1975. She didn't know what she was getting into. In any case, it went well. Aurora Carapinha, researcher, landscape architect honoured with the *Ribeiro Telles Prize* in 2021, really likes to be a professor, to pass on her acquired knowledge to younger people. To think with the students about the pressing problems that are being faced in the field to which she has dedicated her life. A fight that she struggles with every day. An unavoidable name, she declines the importance they attribute to her. She uses her voice to keep trying to remind society and political decision-makers of the urgency to take important measures for the country.

1. Foi a aluna número seis do primeiro curso de arquitetura paisagista do país. O que a levou a optar por esta área?

Eu nem sabia para o que ia. Acabei o que era o sétimo ano do antigo liceu. Em 1974, as universidades fecharam e só abriram em 1975. E eu, por acaso, tanto podia ir para letras, economia ou geografia, como para ciências, matemática ou física. Deu-se a coincidência de abrir em Évora, nesse mesmo ano, o Instituto Universitário de Évora, onde havia um curso de planeamento biofísico e paisagístico (não se chamava arquitetura paisagística). E eu fui experimentar, fui ver como era, e gostei. Depois, em 1980, a ideia já era criar um curso de arquitetura paisagística em Évora, mas havia alguma pressão por parte de Lisboa, por se querer criar um curso de arquitetura paisagística fora das estruturas da capital. Mas Ribeiro Telles e uma equipa acabaram por criar este curso que, num primeiro momento, consistia num bacharelato e que, ao fim de pouco tempo, passou a ser licenciatura de arquitetura paisagista. Ou seja, é a primeira licenciatura oficial de arquitetura paisagística.

2. O seu nome é incontornável nesta área e foi sempre extremamente dinâmica. De tantos projetos, há algum mais marcante, quer pela aprendizagem, quer pelas dificuldades que enfrentou?

Eu adoro ser arquiteta paisagista, adoro a prática e a teoria de arquitetura paisagista, mas o que eu adoro mesmo é a possibilidade de a ensinar. Fazer com que este conhecimento, este corpo teórico e prático, alcance um maior número de pessoas. Tentar explicar aquilo que Caldeira Cabral e Ribeiro Telles já diziam, que a nossa profissão era uma profissão do futuro; eles diziam isso nos anos 60, imagine! Hoje, estamos no futuro deles e saber que, hoje, a arquitetura paisagista é fundamental, que reúne conhecimento de muitas áreas, que se aproximam de temas que nós já estudámos há décadas, é extraordinário. Então, o que eu gosto mesmo é de ser

1. You were student number six in the first landscape architecture course in the country. What led you to choose this field?

I didn't even know what I was going into. I finished what was the seventh year of the old high school. In 1974, the universities closed and only opened in 1975. And I actually could have gone into the arts, economics or geography, or into science, maths or physics. Coincidentally, that same year, the University Institute of Évora opened in Évora, and there was a course in biophysical and landscape planning (it wasn't called landscape architecture). And I went to try it out, to see what it was like, and I liked it. Then, in 1980, the idea was to create a landscape architecture course in Évora, but there was some pressure from Lisbon, for wanting to create a landscape architecture course outside the capital's structures. However, Ribeiro Telles and a team ended up creating this course, which initially was a Bachelor's degree and which, after a short time, became a degree in landscape architecture. In other words, it is the first official degree in landscape architecture.

2. Your name is unavoidable in this field and you have always been extremely proactive. Out of so many projects, is there one that stands out the most, either for the lessons learnt or for the difficulties you faced?

I love being a landscape architect, I love the practice and theory of landscape architecture, but what I really love is the possibility of teaching it. Making this knowledge, this body of theory and practice reach a greater number of people. Trying to explain what Caldeira Cabral and Ribeiro Telles already said, that our profession is a profession of the future; they said that in the 60s, imagine that! Today, we are in their future and knowing that today landscape architecture is fundamental, that it combines

professora de Arquitetura Paisagista, porque gosto de partilhar o meu conhecimento.

3. Já é professora há muitos anos. Que inquietações têm vindo a perturbar os seus alunos?

A resposta divide-se em duas partes. A primeira é: será que os decisores políticos percebem o que é que nós somos? É extremamente importante termos essa consciência, a de que muitos deles não têm a mínima noção do que é que nós fazemos. Resguardam-nos, porque pensam que nós só trabalhamos em jardins. Realmente nós começámos há muitos anos, logo no início da humanidade, a trabalhar essa área. Mas progredimos e toda a nossa teoria abrange muito mais do que jardins. O jardim, sendo a obra de arte, não é onde nós nos esgotamos. Veja-se o que acontece agora, quase de uma forma, direi mesmo, tonta e ignorante, por parte de alguns decisores políticos, que pensam que o problema da habitação se vai resolver com a ocupação de solos agrícolas, da RAN (Reserva Agrícola Nacional), acreditando que podem vir a ser solos de construção. Isso é um disparate, é uma inquietação de todos nós. Enfim, acabamos por ter casas, mas comprometemos o nosso futuro em termos de alimentação. Já importamos muito, mas dessa maneira iremos importar muito mais. E não esquecer que esses solos são também muito importantes para o ciclo da água.

Em segundo lugar, não tendo os decisores políticos essa consciência, viraram-se novamente para um conhecimento fragmentado, para biólogos, geógrafos. A palavra sustentabilidade hoje é quase vaga, nem percebo bem do que muitas vezes estão a falar. E isso determina que os jovens e as inquietações deles, muitas vezes, estejam mais numa visão muito fechada só nas questões de ambiente e pondo até o Homem fora dessa questão. E é fundamental que ele esteja lá inserido e que saiba gerir, com visão integrada e sistémica as questões do ambiente, da economia, da cultura, com a presença da humanidade, com as questões da sociologia. Não há só uma resposta para cada uma das questões da contemporaneidade. Há um conjunto de respostas múltiplas e o que nós estamos a ver, cada vez mais, é uma fragmentação do conhecimento.

4. O nome também pode enganar... Por norma, as pessoas acham que o paisagista tem muito que ver com jardins apenas, algo bonito...

Pois, eu não sou uma arquiteta mais ou menos paisagista. "Paisagista" não é um adjetivo qualificativo. Caldeira Cabral dava-nos sempre esse exemplo. O limpa-chaminés é o limpa-chaminés. Se eu disser só limpa, não chega. Se eu disser só chaminés, também não. Portanto, se eu disser arquiteta ou se só disser paisagista falta-me sempre uma outra dimensão, a dimensão de que, tendo uma visão sistémica, tendo um conceito de paisagem operativo, tenho agora de saber desenhar e, a partir da criação, desenhar o futuro, antecipar os problemas, resolver os problemas da contemporaneidade, através da criação de espaços. Nós somos criadores de espaço e de lugares para as pessoas e para todos os seres vivos habitarem com qualidade de vida.

knowledge from many fields, that it approaches topics that we have already studied for decades, is extraordinary. So, what I really like is to be a professor of Landscape Architecture, because I like to share my knowledge.

3. You have been a professor for many years. What are the concerns that have been troubling your students?

There are two parts to the answer. The first one is: do policy makers realise what we are? It is extremely important to understand that many of them do not have a clue about what we do. They patronise us because they think we only work in gardens. In actual fact, we first started many years ago, at the very beginning of humanity, to work in that field. But we have progressed and our entire theory is much broader than gardens. The garden, being the work of art, is not where we exhaust ourselves. Look at what is happening now, I would say, almost in a foolish and ignorant way, on the part of some political decision-makers, who think that the housing problem will be solved by occupying agricultural land, from the RAN (National Agricultural Reserve), which they believe can become building land. This is nonsense, and we are all worried about it. In the end, we end up having houses, but we jeopardise our future in terms of food. We already import a lot, but this way we will import a lot more. And don't forget that these soils are also very important for the water cycle.

In second place, as policymakers have no such awareness, they have again turned to fragmented knowledge, to biologists, to geographers. The word sustainability today is almost vague, I often don't even understand what they are talking about. And this means that young people and their concerns are often more focused on environmental issues and even leave humans out of it. And it's essential that they are there and that they know how to manage, with an integrated and systemic vision, the issues of the environment, the economy, culture, with the presence of humanity, with the issues of sociology. There is not just one answer to each of the current issues. There are multiple answers and what we are seeing more and more is a fragmentation of knowledge.

4. The name can also be misleading... People often think that landscape architects are just about gardens, something beautiful...

Well, I'm not a more or less landscape architect. "Landscape" is not a qualifying adjective. Caldeira Cabral always gave us that example. The chimney sweep is the chimney sweep. If I just say sweep, it's not enough. If I say just chimney, that's not enough either. So, if I say architect or if I just say landscape, I always lack another dimension, the dimension that, having a systemic vision, having an operative concept of landscape, I now have to know how to design and, based on creation, design the future, anticipate problems, solve the current problems, through the creation of spaces. We are creators of space and places for people and all living beings to inhabit with a quality of life.

5. E muitos desses problemas, como disse, se já fossem vistos como urgentes há muito anos, hoje, pelo menos, já estariam num bom caminho de resolução...

Eles são pensados e discutidos há muito tempo. E estão escritos e são estudados há muitos anos. Mesmo no curso livre de arquitetura paisagista e agronomia, em textos de Ribeiro Telles, de Caldeira Cabral, de Ilídio de Araújo, e de muitos outros de outra geração, já se punham essas questões. Só que, de facto, nós funcionamos um bocadinho como o grilo do Pinóquio, a gente passa o tempo contra a corrente e todos nós sabemos, por exemplo, que a profissão de arquiteto, desde o renascimento, é quase um braço da representação do poder. Se perguntar qual é o arquiteto paisagista, sem ser Ribeiro Telles, que conseguiu ser ministro da qualidade de vida, subsecretário de Estado, vereador da câmara de Lisboa, e que conseguiu, nessa altura, implementar um conjunto de medidas interessantíssimas, em relação à qualidade de vida das pessoas, só vai ver esse nome.

5. And many of these problems, as you said, if they had been seen as urgent a long time ago, today, at least, they would already be well on the way to being resolved....

They have been thought about and discussed for a long time. And they have been written down and studied for many years. Even in the free landscape architecture and agronomy course, in the texts by Ribeiro Telles, Caldeira Cabral, Ilídio de Araújo and many others from another generation, these issues have already been raised. But, in fact, we work a bit like Pinocchio's cricket, we spend our time against the current and we all know, for example, that the profession of the architect, from the time of the Renaissance, is almost an arm of the government. If you ask which landscape architect, other than Ribeiro Telles, managed to be Minister for Quality of Life, Under-Secretary of State, Councillor at the Lisbon City Council, and managed to implement a series of very interesting measures regarding people's quality of life, you will only see that name.



João Ceregeiro

T JOANA REBELO | DIREITOS RESERVADOS | RIGHTS RESERVED

“Valorizar o espaço envolvente é valorizar a paisagem”
“Enhancing the surrounding space is enhancing the landscape”

Os jardins históricos e o património paisagístico são o que lhe alimenta a alma de arquiteto, enquanto divide o seu tempo na administração da Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas (APAP). Há quem diga que o tempo é sabedoria, e João Ceregeiro entrosou-se na área há tempo suficiente para possuir, hoje, uma visão madura e consistente do espaço que cada projeto deve ocupar. Talvez queira ficar desse lado, porque o Presidente da APAP está pronto para revelar alguns segredos do *outdoor*, que lhe poderão ser úteis para este verão.

Historic gardens and landscape heritage are what nourish his soul as an architect, while he divides his time in the administration of the Portuguese Association of Landscape Architects (APAP). Some say that time is knowledge, and João Ceregeiro has been in this business long enough to have a mature and consistent vision of the space that each project should occupy. You might want to stay on this page, because the APAP President is ready to reveal some secrets about outdoor spaces that might come in handy for you this summer.



1. Como atua um arquiteto paisagista?

A arquitetura paisagista procura, a cada momento, um diálogo aberto entre a natureza e a obra do Homem, estabelecendo caminhos e etapas para o seu equilíbrio. Nós, paisagistas, conseguimos-o através da nossa integração no espaço, independentemente da dimensão ou escala. Esta relação ou comunhão é conseguida pela observação e análise do meio: com a recolha de informação de múltiplas origens, e, através de uma percepção do tempo cronológico – *Kronos* –, a transformação do espaço chega ao momento síntese – *Kairós* –, onde é possível operar uma proposta.

1. How is the role of landscape architect?

Landscape architecture is constantly striving for an open dialogue between nature and the work of man, establishing paths and steps towards their balance. As landscape architects, we achieve this through our integration in the space, regardless of its size or scale. This relationship or communion is achieved through observing and analysing the environment: by collecting information from multiple sources, and through a perception of chronological time - *Kronos* -, the transformation of space reaches the moment of synthesis - *Kairós* -, where it is possible to implement a proposal.

2. E como descreve o seu processo criativo?

O processo envolve fases ou etapas como a recolha de informação, a análise, o debate, a proposta ou projeto, a construção e, por fim, um capítulo normalmente subvalorizado, mas muito importante, o da manutenção. Face às múltiplas interações a cada momento, cada fase poderá ser revista e realimentada de novo, ao longo do processo.

2. And how would you describe your creative process?

The process involves phases or stages, such as the gathering of information, the analysis, the debate, the proposal or project, the construction and, finally, a chapter that is often undervalued, but very important, that of maintenance. Given the multiple interactions at each moment, each phase can be reviewed and reactivated again throughout the process.

3. Valorizar o espaço envolvente e, quando possível, trazê-lo para o interior da habitação é uma das principais preocupações?

Valorizar o espaço envolvente é valorizar a paisagem. Vivemos num período em que se tornou imperativo recuperar a paisagem e, com ela, os recursos do solo, da água, da biodiversidade e de uma nova mobilidade, trazendo-a até aos espaços não cons-truídos da cidade, entrando pelos quintais e jardins interiores das casas numa escala mais íntima.

3. Is enhancing the surrounding space and, when possible, bringing it inside the house one of the main priorities? Enhancing the surrounding space is enhancing the landscape. We live in a time when it has become imperative to restore the landscape and with it the resources of soil, water, biodiversity and a new mobility, bringing it into the city's unbuilt spaces, entering backyards and indoor gardens of the houses on a more intimate scale.

4. O clima influencia o local do projeto? Se sim, em que moldes?

Trabalhamos com matéria viva, em espaço aberto. O clima, entre os fatores naturais, é o que está mais presente nas opções do projeto. A luz, a temperatura, a humidade, o vento, a forma como o espaço de trabalho está exposto aos vários agentes, a correlação com o relevo e os elementos físicos envolventes têm uma enorme influência na conceção do programa e na sua formalização.

4. Does the climate influence the project site? If so, in what ways?

We work with living matter, in the open space. Among the natural factors, climate is the one that is the most important in the design choices. The light, temperature, humidity, wind, the way the workspace is exposed to the various agents, the correlation with the terrain and the surrounding physical elements all have a huge influence on the design of the project and its implementation.



5. Que elementos costuma utilizar com mais frequência e como realiza a manutenção dos mesmos nas diversas estações?

Na maioria dos casos, a vegetação é central na composição do espaço. A seleção do elenco vegetal passa por uma avaliação das espécies autóctones e daquelas que, pelo tempo e uso, assumiram a sua presença no contexto cultural. Um bom projeto envolve o conhecimento das necessidades específicas vegetais, da sua ecologia e da relação de competitividade entre espécies, subentendendo o equilíbrio no tempo.

6. Nomeie quatro dicas sustentáveis para o espaço *outdoor* da casa.

A racionalidade na escolha das espécies em função das suas necessidades; os agrupamentos em função das afinidades ecológicas; compatibilizar os usos com a capacidade de suporte da proposta e um sistema de rega eficiente.

7. Podemos afirmar que tudo é paisagem?

Sem dúvida. Tudo é paisagem. Ela espelha a obra do Homem e em si está inscrita a nossa História. É a partir dela que se diagnostica o presente e se pode antecipar o futuro.

8. Candeeiros de suspensão ou de parede?

Suspensão, luz de cima.

9. Vasos ou floreiras?

Vasos de argila.

10. Instalação de uma cozinha exterior: sim ou não?

Sim, uma grelha entre pedras.

11. Espreguiçadeira ou rede para relaxar?

Rede, mais animado.

12. Contruir um *deck*: sim ou não?

Sim, mas permeável.

13. Móveis metálicos ou de madeira?

Madeira, claro.

14. Objeto que não dispensa no *outdoor*?

Banco / cadeira.

5. Which elements do you use most often and how do you maintain them throughout the different seasons?

In most cases, the vegetation is central to the composition of the space. The selection of the plant species is based on an evaluation of native species and those that, through time and use, have become part of the cultural context. A good project involves the knowledge of the specific plant requirements, their ecology and the competitiveness between the species, ensuring a balance over time.

6. Name four sustainable tips for the outdoor space of a home.

Rationality in the choice of species according to their needs; groupings according to ecological affinities; making uses compatible with the supportability of the proposal and an efficient irrigation system.

7. Can we say that everything is landscape?

Absolutely. Everything is landscape. It mirrors the work of humankind and our history is etched in it. It is from there that we can diagnose the present and anticipate the future.

8. Hanging or wall lights?

Hanging, light from above.

9. Pots or planters?

Clay pots.

10. Installing an outdoor kitchen: yes or no?

Yes, a grill between stones.

11. Sun lounger or hammock for chilling out?

Hammock, more lively.

12. Building a deck: yes or no?

Yes, but permeable.

13. Metal or wooden furniture?

Wooden, of course.

14. An object you can't do without in outdoor spaces?

Bench / chair.

